

A LITERATURA BRASILEIRA NA INTERFACE DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL: LIMITES E POSSIBILIDADES

Maria Elizabete Nascimento de Oliveira –Mestranda – IE/UFMT sob orientação da Profª Drª Michèle Sato – m.elizabt@gmail.com Cel: 96144600 – Endereço: Rua 30, Nº 197– Apto 20. Residencial Brisa - Bairro: Boa Esperança – Cuiabá/MT – CEP: 78068-420.

RESUMO

Este trabalho objetiva apresentar um enfoque parcial da pesquisa que está sendo desenvolvida no mestrado em educação, da Universidade Federal do Estado de Mato Grosso; a qual visa possibilitar o dialogismo entre a literatura mato-grossense e a Educação ambiental a fim de compreender como a literatura pode auxiliar na construção de um currículo fenomenológico. Para tal, tece diálogo com Manuel de Barros, poeta que entrelaça a leitura de mundo à da vida a partir de metáforas; tem-se como interlocutor sua produção poética; subsidia também, pesquisa empírica com educadores de Língua Portuguesa para visualizar tramas do currículo atual. É nesse intrincado paradoxo entre o mundo objetivo e subjetivo que se esboça a pesquisa, com base, principalmente, na fenomenologia. Pauta-se nas reflexões de Paulo Freire quando apresenta o ser humano sempre inconclusivo, aberto a novos conhecimentos, Bakhtin ao abordar o dialogismo, Alfredo Bosi na descrição do valor da poesia no mundo contemporâneo, Antônio Cândido ao traçar as possibilidades de um universo social e político advindo da literatura, Merleau-Ponty no que refere ao silêncio constitutivo e a linguagem que extrapola o mero limite do corpo, Sato & Passos no que tange a importância da dinâmica local na construção de um currículo fenomenológico que contribua para com uma Educação Ambiental crítica, Gaston Bachelard ao apresentar os fenômenos da imagem poética; entre outros, que percebem tanto na arte poética como na Educação Ambiental a possibilidade de amenizar a tensão do mundo contemporâneo, fornecendo auxílio para com um possível equilíbrio entre a racionalidade e a imaginação.

Palavras-chave: literatura; educação ambiental, dialogismo, currículo, fenomenologia.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

O trabalho em foco objetiva possibilitar uma relação dialógica entre a arte literária e a educação ambiental nas produções literárias de Manoel de Barros, a partir de um olhar compreendido pela metodologia da fenomenologia. Para tal, pretende-se reconhecer na produção literária do referido autor uma recorrência aos elementos da natureza com intuito de aguçar a curiosidade ingênua e abrir horizontes para com uma curiosidade epistemológica no intuito de compreender a possibilidade de se construir um currículo fenomenológico com auxílio da literatura.

No que tange a educação pautaremos na teoria freireana ao conceber o ser humano como ser inconclusivo, desta forma sempre aberto a novas aprendizagens; no referente ao substantivo ambiental, embora educação não possa ser aprendida a parte do ambiente, conceberá Guatarri, Sato & Passos ao trazer para o âmbito da Educação Ambiental suporte para um repensar as questões ambientais com subsídios fenomenológicos que privilegiam a dinâmica local e tornem a prática educativa reflexos da nossa ação e compreensão enquanto educadores ambientais.

Embora a Educação Ambiental já seja uma realidade visto que suas ações podem ser percebidas em vários setores sociais é também perceptível a necessidade de reforçar os elementos sensíveis num período em que o tecnicismo e a falta de solidariedade permeiam o ideário do ser humano. Assim, pretende-se, possibilitar um intercâmbio entre a literatura e as questões sócio-ambientais já que a literatura apresenta o ser humano em, quase, todas as suas dimensões e que por ser indivíduo/natureza uno e não apenas parte isolada almeja-se, desta forma, compreender as repercussões de suas atitudes frente ao caos no qual o meio ambiente está submetido.

Para tal, propõe-se um passeio semântico sobre algumas produções literárias, especificamente, as obras de Manoel de Barros, autor mato-grossense, que possibilitam um novo olhar acerca do real instituído onde a compreensão das diversas vivências ou das múltiplas vozes que permeiam a linguagem literária possa possibilitar um conhecimento mais aprofundado da história sócio-ambiental. Pois, se as produções desse poeta não podem ser vistas como reflexo de uma realidade instituída, talvez possa ser vistas como algo que desafia a representação; trazendo uma realidade muito mais digna e solidária.

Desta forma, poderemos quem sabe agir contra o pensamento único, em prol da pluralidade de pensares e, assim, desenvolver o que temos de valiosos enquanto seres humanos: a emoção e o pensamento; bem como a capacidade humana de inter-agir.

A ganância do capitalismo de forma crescente e desordenada está interferindo de forma negativa no que ainda resta dos recursos naturais e este fato, felizmente, passou a fazer

parte das inquietações provocadas no ser humano; mas mesmo com instituições, legislações e outras medidas de proteção à natureza, muitos desses instrumentos vem mostrando-se ineficazes. Talvez pela forma como a relação entre o sujeito e natureza vem sendo tecida no curso da História. Desta forma, acredita-se que é preciso mobilizar o olhar acerca do (re)conhecimento e importância da biodiversidade e, esta iniciativa pode vir a ser mais eficiente se incorporada a sensibilidade advinda do fazer literário presente nas poesias de Manoel de Barros. Pois, “(...) quer percebamos claramente ou não, o caráter de coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos; em consequência, mais capazes de organizar a visão que temos do mundo” (CÂNDIDO, 1976, p. 245).

O século XX instaura, pode-se dizer, uma linguagem literária toda criada em função da experiência da diáspora nas suas mais diversas motivações, do exílio político ao existencial e sobre caminhos que tornam os homens estrangeiros a si mesmos. Com o avanço tecnológico o ser humano se enfurna cada vez mais em sua solidão, se por um lado a tecnologia nos aproxima em um piscar de olhos por outro nos afasta do contato direto com o outro.

Assim, a literatura surge em sensíveis notas sobre a pluralidade e a diferença; o mito interpenetrando diversos campos do conhecimento; as metáforas da viagem e do diálogo com o outro, a poesia e a vida contemporânea; a língua portuguesa e seus habitantes... Enfim, palavras criadas e criadoras no sabor da consciência crítica e fantasiosa de intelectuais que acreditam que o mundo tem jeito e lutam para que, no futuro, tenhamos uma terra menos estrangeira, pois “se a metalinguagem apaga, por um átimo, o conteúdo vivido do signo, o processo total do poema apaga a mão que o apagou; e deixa emergirem, filtradas, mas potenciadas na sua essência, a figura do mundo e a música dos sentimentos” (BOSI, 2004, p. 76).

Pretende-se com a pesquisa sensibilizar para com uma produção artística que perpassa o signo lingüístico e a partir dos sentidos, imagens, silêncios e vozes múltiplas que permeiam a palavra poética inferir sobre uma aproximação fértil entre a arte literária e a educação ambiental a fim de suscitar para uma nova consciência acerca dos impactos ambientais. Assim procurará possibilitar o dialogismo entre a literatura mato-grossense e a Educação ambiental. Para tal, pretende-se através da linguagem das imagens metafóricas advindas da poética de Barros suscitar para com uma atitude ambiental dotada de sensibilidade estética em que o ser humano possa estar sensível à identificação de problemas e conflitos que assolam o planeta.

LITERATURA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: DIÁLOGO POSSÍVEL

O alarde e o silêncio emanados da poesia de Manoel de Barros estabelecem um diálogo com a natureza transpondo fronteiras, removendo-as, questionando-se entre si e a si mesmas, num expressivo mundo de verdades e extraordinária riqueza de pensares e olhares que permeiam pelos mais diversificados mundos: arte, filosofia, biologia e outros, alterando esses campos e instituindo uma reflexão produtiva sobre a contemporaneidade.

O silêncio que entremeia a produção literária é um silêncio ensurdecedor, pois grita junto com o discurso poético ao potenciar o som e os sentidos, assim sugere o novo ou enchem-nos de dúvida ao abrir horizontes de significações.

(...) Deus deu a forma. Os artistas desformam.
É preciso desformar o mundo:
Tirar da natureza as naturalidades.
Fazer cavalo verde, por exemplo.
(...)
Agora é só puxar o alarme do silêncio que eu saio por
Aí a desformar.
(BARROS, 2004, p. 75).

Na poesia de Barros surgem inúmeras inflexões a partir de metáforas que visualizam um novo olhar acerca dos elementos que compõem a natureza e sugerem outras possibilidades de interpretação do mundo. Daí depreende-se que a linguagem do poeta ao recorrer à analogia cria imagens que vão além da simples fusão de elementos e, além disso, enriquecem a percepção, pois através dela é possível recuperar a imagem, e esta por sua vez, ultrapassa a mera representação advinda das práticas sociais. Pois, “Se não esperamos nada da palavra, se sabemos de antemão tudo o que ela quer dizer, ela sai do diálogo e se coisifica” (BAKHTIN, 2003, p. 328).

As linguagens múltiplas e múlti-implicantes, sugeridas nas produções poéticas apontam alternativas ao modelo homogeneizante que o imperialismo contemporâneo aspira universal e possibilitam, talvez, a compreensão de um entre-lugar que engloba e ultrapassa o já suposto ou imposto, mostrando um hibridismo cultural que acolhe a diversidade sem

hierarquias. Para esta compreensão, pode-se citar como exemplo o conto de Guimarães Rosa “A terceira margem do rio”. Talvez seja essa terceira margem o lugar do leitor/outro que através da suposta desutilidade poética percebe uma amplitude de novas sementes e viçosas esperanças. Para Paulo Freire, segundo Streck (2008:173) a esperança crítica é tão necessária para o ser humano quanto a água despoluída para a vida do peixe. (...) tem-se a impressão que ela dá sustentação aos fios que se ligam para compor a existência individual, a história e a própria prática educativa.

Assim, é possível compreender a partir das obras literárias que a literatura se torna trechos da história do nosso tempo, compondo um mosaico de nosso desejo de coesão e coerência e, nos visitando na estrangeirice que experimentamos no mergulho em nossas próprias incertezas, até mesmo porque, “(...) o mundo está já constituído, mas também não está nunca completamente constituído. Sob o primeiro aspecto, somos solicitados, sob o segundo somos abertos a uma infinidade de possíveis” (Merleau-Ponty, 1999, p. 608). E, como aponta mais adiante o referido autor esta é ainda uma análise abstrata, e por assim ser, passível de outras observações e análises visto que existimos sob os dois aspectos ao mesmo tempo.

É nesse intrincado paradoxo entre o mundo objetivo e subjetivo que se esboça um possível dialogismo entre a literatura e a educação ambiental a partir de palavras que transpõem o signo lingüístico. Para tal, encontra-se âncora nas reflexões teóricas de Bakhtin ao abordar o dialogismo e a polifonia discursiva, Alfredo Bosi ao elucidar a importância e o valor da poesia no mundo contemporâneo, Antônio Cândido ao traçar as possibilidades de um universo social e político advindo da literatura e em Merleau-Ponty ao fazer referência a um silêncio constitutivo e em uma linguagem que extrapola o mero limite do corpo e, Gaston Bachelard ao apresentar os fenômenos da imagem poética; entre outros, que percebem na arte poética a possibilidade de amenizar a tensão do mundo contemporâneo fornecendo um possível equilíbrio entre a racionalidade e a imaginação. Talvez seja esta a importância para com a educação ambiental, pois ambas, Literatura e Educação ambiental visualizam um mundo novo centrado no diálogo, no intercâmbio de saberes, cores e sabores.

Manoel de Barros, com palavras cotidianas e “insignificantes” como: inútil, nada, coisa, bichos reconstrói um novo mundo com elementos que passam despercebidos no cotidiano do ser humano. Como se pode perceber no fragmento da poesia a seguir:

(Represente que o homem é um poço escuro.

Aqui de cima não se vê nada.
Mas quando se chega ao fundo do poço já se pode ver
o nada.)

Perder o nada é um empobrecimento (BARROS, 2004, p. 63).

A poesia de Barros possibilita uma visão una entre ser humano/natureza que é reforçada por Bachelard ao integrá-los na imagem: “(...) uma imagem poética põe em ação toda a atividade lingüística. A imagem poética transporta-nos à origem do ser falante” (2005, p.7). No jogo do mistério e da (im)possibilidade advindos da palavra poética de Barros depreende-se diversos sentidos e imagens. Esta joga o leitor/autor num novo espaço, distanciando-o do sentido literal, tira-lhe do espaço natural e lança-o num labirinto repleto de novas significações. Assim, percebe-se que o texto/imagem seduz e reacende a fantasia transferindo o ser humano para um mundo surreal gerado pela imaginação/arte; onde o real só significa quando impregnado pela fantasia, pelo inesperado, pela (im)possibilidade.

A pesquisa está sendo delineada a partir de um levantamento bibliográfico de teorias que fundamentam os elementos semânticos utilizados nas produções de Manoel de Barros, bem como de teorias que dialogam com as questões ambientais no contexto contemporâneo a fim de imbricar com as relações e perspectivas que nos permite a literatura mato-grossense expressa na linguagem poética.

Para tal, faz-se necessário compreender sob os mais diversos ângulos a produção de Barros, ou seja, os dispositivos semânticos que fazem a tessitura de seus poemas a fim de entrelaçar elos convergentes ou divergentes entre eles; no intuito de tecer teias de significações que se entrelacem com a Educação Ambiental. Pois,

A poética excita e impulsiona a EA para que as idéias e as emoções tomando nossa corporeidade, fluam na liberdade do movimento, banhadas nas luzes e nas sombras das iconografias e das linguagens de cada ser. A fenomenologia nos envolve e brada pelo nosso olhar, na verdade um duplo olhar perceptivo: nas cores da flor que se comunica sensorialmente, percebemos na pele seu “aroma” que nos penetra quase que subliminarmente evocando memórias, vivências e saberes (PASSOS & SATO IN GUIMARÃES, Mauro, 2008, p. 19).

Neste entremeio, entre as percepções poéticas e sensoriais, considera a pesquisa qualitativa ao tomar como material de estudo dados empíricos sobre o subjetivo do ser humano (valores, crenças, atitudes, sonhos, etc.) visualizando construir processos de aprendizagem que contemplem as questões ambientais, visto que as pesquisas de cunho fenomenológico inferem-se como etapas de compreensão e interpretação dos fenômenos considerando que estas sempre podem gerar outros sentidos, afinal;

Esta profundidade do ser pela poesia tem uma marca fenomenológica que não engana. A exuberância e a profundidade de um poema são sempre fenômenos do par ressonância-repercussão. É como se, com sua exuberância, o poeta reanimasse profundezas em nosso ser. Para percebermos a ação psicológica de um poema, teremos, pois de seguir dois eixos de análise fenomenológica: um que leva às exuberâncias do espírito, outro que conduz às profundezas da alma (BACHELARD, 2005, p. 7).

No estudo do material coletado buscam-se inferências que possibilitem uma interpretação das vivências geradas no intrincado mundo da sociedade moderna a fim de estabelecer um enfoque da relevância deste estudo para com o universo científico; pois embora as pesquisas de cunho fenomenológico inferem-se como etapas de compreensão e interpretação dos fenômenos considerando que estes sempre podem ser apreendidos sob novos e múltiplos sentidos; somos sabedores de que apenas teorizações científicas não podem responder todas as indagações e angústias de um povo no que se refere às questões interpessoais e ambientais.

Na perspectiva de que sujeitos e objetos são elementos indissociáveis que se complementam e negando a cristalização em sistemas únicos e fechados é que se estuda a produção literária de Barros; com a percepção de que enveredar por esta trilha é caminhar por entre um campo minado, pois trata de um campo abstrato e de um universo múltiplo de significados já que ao trabalhar com poesia somos convocados a conotar sentimentos e vivências a partir da nossa lente, muitas vezes, míope.

Assim, Manoel de Barros ao trabalhar com a cosmovisão poética coloca sentidos nas palavras de Bachelard no livro ‘A poética do espaço’, onde aborda que “todas as grandes palavras, todas as palavras convocadas para a grandeza por um poeta, são chaves do universo do Cosmos e das profundezas da alma humana” (IBIDEM, 2002, p. 203). A abertura sugerida propõe que tanto a Educação Ambiental como a Literatura sejam vistas de forma transversal e, por isso aberta a novas possibilidades. Visualiza assim, elucidar o que o fenômeno, no caso a poesia, tem de mais fundamental encoberto pelo sentido aparente.

A poesia vista deste prisma nos incita a olhar para o interior das coisas, ou seja, ao estudar a poesia parece que nosso desejo de olhar para dentro das coisas se mobiliza, torna a visão mais aguçada e, essa visão penetrante é capaz de enxergar para além do concreto; é um olhar o que não vê instigante e propenso a múltiplas imagens criadas pela imaginação.

No livro ‘A água e os sonhos’, Bachelard (2002, p.18) descreve que “A imaginação inventa mais que coisas e dramas; inventa vida nova, inventa mente nova; abre olhos que têm novos tipos de visão”. Desta forma, busca-se com as leituras compreender e visualizar essas potencialidades do ser humano a fim de entrelaçá-las à Educação Ambiental.

Está sendo utilizada na tessitura do estudo uma extensa literatura acerca do fazer poético no intuito de visualizar sua aproximação e limite para com a Educação Ambiental e, assim ampliar as possíveis inferências pelo caminho que se está percorrendo; pois embora seja possível o diálogo entre a linguagem poética e ambiental não podemos nos desvencilhar das peculiaridades e diferenças que estas abarcam. E, que são movimentadas pelas subjetividades dos indivíduos.

A pretensa abordagem busca estabelecer este diálogo entre a literatura e a Educação Ambiental a fim de visualizar atitudes e vivências do ser humano que entrelaçam poesia e meio ambiente no intuito de auxiliar na construção de um outro olhar acerca da realidade planetária. Para tal, sugere possibilidades de um estudo na qual a racionalidade e a sensibilidade esteja interligada de forma coesa e produtiva. Além de descrever os fenômenos compreendidos, serão elencados procedimentos que venham tornar compreensível este campos férteis que nos apresenta o intercâmbio proposto.

Embora se trate de uma pesquisa em andamento pressupõe que a poesia é mais que o mero limite da linguagem, esta extravasa o signo lingüístico a fim de procurar âncora no ínfimo do ser humano estreitando sua relação com o fazer poético e, essa conexão só poderá romper quando perdermos a capacidade de nos sensibilizar diante do caos planetário no qual estamos imbuídos.

A sensibilidade pode ser vista como um dos requisitos básico dos educadores ambientais que visualizam um mundo novo construído através do sonho e da paixão pela natureza onde, “Assim como a natureza penetra até no centro de minha vida pessoal e entrelaça-se a ela, os comportamentos também descem na natureza e depositam-se nela sob a forma de um mundo cultural” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.465).

Desta forma, acredita-se que o intercâmbio entre literatura e educação ambiental pode auxiliar na construção de uma consciência crítica voltada à sustentabilidade planetária onde a criatividade, fantasia, imaginação e sensibilidade são elementos pertinentes, pois se os esquecêssemos, esqueceríamos de nós próprios e voltaríamos ao caos original.

CONSIDERAÇÕES inCONCLUSIVAS

As poesias de Barros ao fazer recorrência a vocábulos primitivos abrem horizontes de uma insuspeita ordem natural em que às verdades essenciais implícitas, sob a ostensiva banalidade, vão projetando imagens concretas e surreais descritas numa síntese extraordinariamente maravilhosa em que como descreve o próprio autor “O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo” (BARROS, 2004, p. 75).

Os elementos da natureza permeiam o ideário de literatos como símbolo de purificação, renascimento, reorganização, fragilidades, etc; e possibilita uma construção de imagens através de frases, palavras que por si só carregam uma multiplicidade de sentidos; como as ditas por Lygia Fagundes Telles na entrevista para a revista Entrelivros (2008, p 27): “aproveito frases que ouço por aí, são iscas que coloco num anzol. Lanço-o dentro de mim mesma para buscar nas profundezas alguma coisa que esteja me perturbando. Arranco lá do fundo, com esse anzol, com essa isca, algo que já é diferente dessas duas coisas: o peixe. É a inspiração.”

A poesia vista sobre esse prisma abrange uma ampla noção de linguagem; pois inclui aspectos variados: psicológicos, antropológicos, políticos e sócio-ambientais. Assim, a contribuição da literatura nesta outra possibilidade que nos oferece a Educação Ambiental revela-se na importância inesgotável em criar e recriar territórios de hipóteses.

Compreende-se, dessa maneira, que a literatura através da sensibilidade, da paixão e do sonho contido na produção literária poderá possibilitar um (re)encontro entre o eu/outro/natureza que nos completa e irmana. Ou seja, através da literatura pode-se percorrer e

fertilizar este campo de tensão no qual estamos inseridos, criando e recriando teses e antíteses, reafirmando ou contrapondo a linha dos paradoxos e, assim instigando outras possibilidades de diálogos para com a Educação Ambiental.

Este intercâmbio entre a literatura e a educação ambiental poderá instigar um outro olhar que privilegie não só as questões socioambientais; mas também as angústias que permeiam o imaginário humano. No entanto, sabe-se que ao tentar traçar os limites e as possibilidades entre o diálogo proposto esta se lançando em uma trajetória complexa e desafiadora, já que as imagens, sentidos, silêncios e percepções sempre poderão ser lidos e interpretados por outras vertentes.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodor. *Lírica e sociedade*. In: Theodor Adorno. São Paulo: Abril cultural, 1980.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. 7 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *A água e os sonhos. Ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 5 ed. São Paulo: Hulcitech, 2002.

BARROS, Manuel de. *Livro sobre nada*. 11 ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Editora Nacional, 1976.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 15 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. 18 ed. São Paulo: Papyrus, 2007.

GUIMARAES, Mauro (org.). *Caminhos da educação ambiental: da forma à ação*. 3 ed. São Paulo: 2008.

STRECK, Danilo R; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção* (tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura). 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SATO, Michèle; CARVALHO, Isabel (org). *Educação ambiental: pesquisa e desafios*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

PASSOS, Luiz Augusto; SATO, Michèle. “*Educação Ambiental: o currículo nas sendas da fenomenologia Merleau-pontyna*”. In SAUVÉ, Lucie, ORELLANA, Isabel et SATO, Michele (dir.) *sujets choisis en éducation relative à l’environnement – d’une Amérique à l’autre*. Montreal: ERE: UQAM, 2002, Tome I: p. 129 – 135.

www.revistaentrelivros.com.br